

Depois da proclamação, em princípio, da ditadura militar na "Sala do Risco" é posta em execução a primeira parte do seu programa---assaltando-se a sede central da Organização Operária Portuguesa!

E para que o povo se vá habituando ao férreo regime que, na sombra, uma dúzia de generais ambiciosos pretende estabelecer, proibem-se os comícios contra a reacção, impede-se a realização de manifestações de carácter liberal e manda-se os soldados da guarda republicana perseguir as criaturas que se atrevem a erguer a sua voz num constitucional e inocente «Viva a República!»

Alguns milhares de pessoas vieram ontem visitar a sede da Confederação, vibrando de indignação perante os destroços que a polícia ali deixou como sinistros vestígios da sua passagem.

Pergunta-se ao presidente do ministério:

**Em que lei vivemos? Quem governa: a República ou a Monarquia?
Quem vive: a Democracia ou a Ditadura?**

O proletariado, que vem de ser vexado com este assalto legal, este assalto perpetrado por homens que exercem a profissão de mantenedores da ordem pública, necessita saber com quem lida. Precisa saber se o governo da república se encontra no Terreiro do Paço para defender as escassas liberdades escritas, com o sangue do Povo, nêsse pobre farrapo que é hoje a Constituição, ou se, pelo contrário, está disposto a consentir, a tolerar ou a ordenar à força pública o assalto ao domicílio, a afronta ao direito de associação e a ameaça aos que pela pena, que é uma arma nobre e civilizada, exercem a sua crítica absolutamente legítima às instituições.

O operariado português, brioso como sempre, não pode deixar de erguer o seu protesto veemente contra este assalto à C. G. T., contra este assalto que o atinge na sua dignidade!

A notícia do assalto à sede da Confederação Geral do Trabalho causou viva repulsa na opinião pública. O operariado comentou com vivo azedume e natural revolta mais essa violência do regime exercida sobre as classes trabalhadoras.

E' que tal acontecimento reveste um aspecto de tanta gravidade, constitui um prenúncio tão perigoso que toda a gente se deixou tomar de assombro e de indignação.

Assaltos a organismos operários com esse carácter de violência são vulgares em toda a parte. Porém, que as autoridades fardadas, comandadas por um indivíduo de patente superior e auxiliadas por agentes à paisana, pratiquem tranquilamente esses crimes, escudados nas suas pistolas, nos cartões de identidade oficiais, e na tolerância dos seus superiores, calcando assim aos pés a lei que obrigam os outros a respeitar, que entrem nas sedes de organismos operários legalmente constituídos, quebrem o mobiliário, rasguem a escrita, façam, como garotos brincando, uma toalha em tiras, estilhaçem um inofensivo Cristo de gesso, arrombem os fundos às cadeiras, partam os vidros que encon-

tram, arrecadem sem licença... o dinheiro de alguns organismos, ameacem o director dum jornal e depois se retirem em sossego para os seus postos, à espera do louvor na ordem de serviço ou as condecorações de bom comportamento — isto é, no sentido em que os burgueses empregam receosamente a palavra, uma verdadeira "anarquia"!

Foi a naturalidade com que a polícia se desempenhou duma missão, em regra conferida às pessoas que escolhem a profissão deselegante e antipática de saltador de estrada, que chocou a opinião pública, que a indignou, que a revoltou. Foi o ar legal com que se praticou a arbitrariedade que causou calafrios até às criaturas mais conservadoras.

Compreender-se-ia que um grupo exaltado de facciosos, de fanáticos políticos, de adversários sociais assaltasse as associações operárias. Seria um facto condenável, causaria revolta, mas eram duas correntes de opinião que se entrecrocavam, que não tendo atrás de si a responsabilidade da vigilância pelo cumprimento da lei encontrariam relativa desculpa para os seus excessos. Mas, não. Em Portugal as várias corren-

tes políticas não usam, em regra, esse processo de combate antipático e repugnante. Nem os operários assaltam as associações burguesas, nem estes as operárias. Mas em compensação a polícia que deveria naturalmente ser ponderada e calma é que se excede, é que pratica os crimes, as arbitrariedades, as violências que dizem ser sua obrigação evitar. E de tal maneira o bom senso está abalado neste país, de tal forma os políticos perderam a noção das realidades que chegamos a presenciar este facto estúpido: o governo, tão pródigo em mal redigidas notas oficiais, não tuguem nem mugiu acerca deste acontecimento gravíssimo.

Que quer dizer o silêncio do governo, das entidades superiores da polícia, de todos sobre quem recaem as responsabilidades dos que andam a seu mando? Ou cumplicidade ou cobardia, ou o governo inspirou a infâmia ou já não tem força moral para se impôr aos que em seu nome praticaram o crime. Não queremos, entretanto, acreditar que o dr. Domingos Pereira, que se não o é, tem pelo menos a obrigação de ser uma criatura inteligente pelo

lugar que ocupa na sociedade portuguesa, cometesse o erro crasso de mandar assaltar a C. G. T. pela polícia. Não seria o amor a este organismo que o levaria a evitar o assalto; seria a razão, fácil de ponderar, de que tal acto traria à polícia mais desprestígio, mais desonras, mais antipatias, que recaem sobre esta pobre república de quinze anos poluídos. Mas fazemos-lhe essa justiça: o dr. Domingos Pereira não seria capaz de ordenar o assalto. Entretanto consente-o, como consentiu que durante dias seguidos na «Sala do Risco» se fizesse abertamente a apologia da ditadura militar.

O governo deixou-se deslizar no terreno escorregadio das transigências com a reacção, criou *elan* e agora já não têm força moral para se impôr, nem sequer tem uma oportunidade favorável para demitir-se com dignidade.

Transigiu com a reacção monárquica-conservadora mantendo a iniquidade das deportações; transigiu miseravelmente com a reacção consentindo que tudo quanto representasse um ideal de Liberdade fosse insultado pelos revoltosos do 18 de Abril; transigiu vergonhosamente com a reacção acatando de cabeça baixa, humildemente, a absolvição

da ditadura; agora transige em deixar que a polícia atente contra o direito de associação — amanhã, se o proletariado, se toda a gente que leva na alma um ideal sincero de Liberdade e de Progresso não lhe gritar: «Basta de transigências indignas!» — a ditadura, com o seu cortejo de perseguições brutais, de crimes impunes, de atentados repugnantes, surgirá de súbito escaranchado nos ombros martirizados do povo.

Criou-se uma situação insustentável. Encaminha-se, empurra-se, com crimes sobre crimes, o povo para a violência defensiva. E' o poder que está provocando a revolta com a sua atitude passiva perante a reacção e agressiva para com os avançados — atitude que para uns é de cobardia, para outros de cumplicidade, para todos, porém, de grave perigo para as liberdades públicas, agora tão ameaçadas.

O dr. Magalhães Lima, entrevistado pela «Batalha», protesta contra o assalto

Encontrámos ontem, às primeiras horas da noite, o dr. sr. Magalhães Lima. O velho democrata que tem vivido e sentido todas as agitações políticas vinha manifestamente cansado. Receou uma entrevista e quando lhe declaramos que não tínhamos esse propósito mostrou-se mais bem dis-

posto — a boa disposição dum homem que economiza um pouco de energia... Quando lhe falámos no assalto que a polícia fez na madrugada de ontem à C. G. T. a indignação sacudiu-o.

— Disse hoje ao dr. Domingos Pereira que é um velho amigo meu, digo a toda a gente e não tenho dúvida em declará-lo em público: o assalto à C. G. T. considere-o uma arbitrariedade monstruosa.

— Podemos dizê-lo na *Batalha*?
— Pode reproduzir as palavras que exprimem bem claramente a minha reprovação pela violência cometida pela polícia. O assalto foi, além dum enxovalho iníquo, uma vergonhosa selvageria.

— Um canibalismo — acrescentámos.

— E' esse o termo: canibalismo.

O dr. sr. Magalhães Lima comenta depois com evidente tristeza o aparato bélico feito em volta do *Mundo*. Depois, já a despedir-se, deixa cair sereno esta frase sóbria que tem o valor dum acussação formidável:

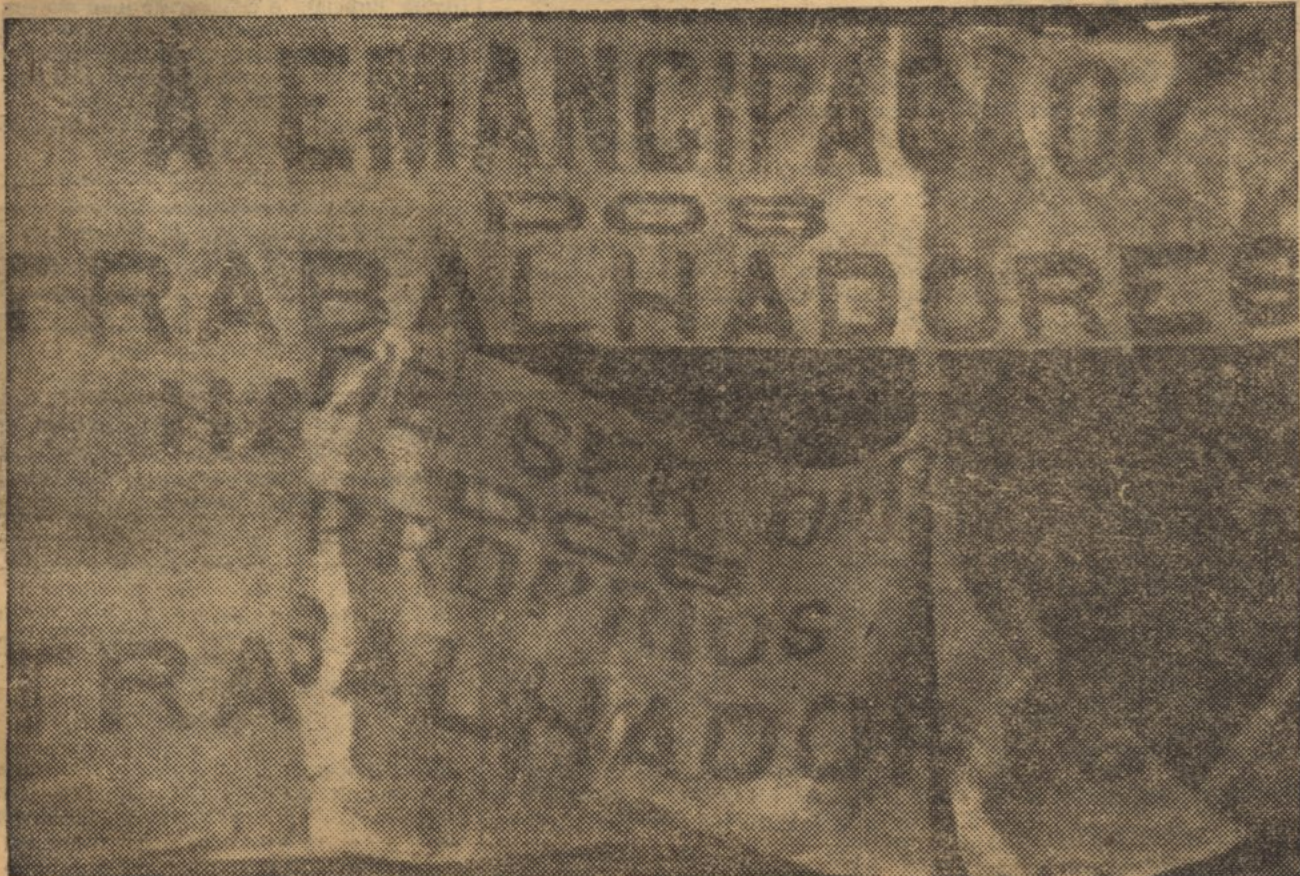
— Quando vi a tropa em volta do *Mundo* tive a impressão nítida de que estávamos em plena monarquia.

E assim falou o homem que actualmente simboliza uma grande convicção servida por uma grande energia e por uma conduta moral impecável.

Alguns pormenores do assalto

Conforme ontem noticiámos a polícia penetrou, ontem de madrugada, a pretexto de que pretendia fazer uma busca às sedes operárias, em diversos gabinetes e dependências da Calçada do Combro.

A busca foi apenas um pretexto para tranquilamente rasgar a papelada que lhe surgia pela frente, quebrar mobiliário, inutilizar carimbos, quebrar canetas, rasgar toa-



A' esquerda: um velho «placard» atingido pelo ódio policial.

A' direita: O gabinete dos Impresores Tipográficos um dos mais lezados pelo assalto da madrugada de ontem.



lhas, empastelar a tipografia do Conselho Técnico da Construção Civil. No gabinete deste último organismo rasgaram vários documentos, tais como livros de escrituração e até orçamentos de obras do Estado que estão a cargo daquele conselho.

Nun gabinete contíguo ao Salão de Festas da Construção Civil, onde se guardam cenários dos espectáculos, só pelo prazer de destruir arrombaram vários cenários, quebraram um Cristo de gesso, rasgaram um balcão de scena, etc.

Das gavetas da secretária que se encontra no gabinete do aludido Conselho Técnico, furtaram cerca de duzentos escudos e inutilizaram algumas notas, do gabinete dos Impressores Tipográficos levaram cerca de cem escudos.

As dependências da C. G. T. visitadas por milhares de pessoas

Logo as primeiras horas da manhã grande número de pessoas se apresentaram na sede da Confederação Geral de Trabalho para ver os estragos produzidos pelo assalto.

Durante o dia o número de visitantes foi-se acumulando, acotovelando-se pelos vastos corredores da sede sindical.

Inúmeras pessoas apresentaram na Batalha o seu protesto contra o ocorrido, sendo-nos totalmente impossível publicarmos o nome de todas porque nos ocuparia muito espaço.

Vários protestos

O dr. sr. Nobrega de Quintal, acompanhado de alguns correligionários seus, esteve ontem na Confederação Geral de Trabalho a observar o canibalismo praticado pela polícia. Veio depois à nossa redacção afirmar-nos a sua repulsa pela violência praticada e declarar contra um procedimento que só os mais severos e vigorosos adjetivos podem classificar.

Também elementos políticos visitaram a C. G. T. e a Batalha, entre eles o dr. José Domingues dos Santos, sr. João Pedro dos Santos, ex-director da P. S. E., o industrial Damiano da firma Damiano & Cia., dr. Malva do Vale, dr. João de Deus Ramos e outros.

A Comissão Administrativa da Associação dos Vendedores de Jornais veio apresentar também o seu protesto contra o assalto.

«O comité federal da Federação das Juventudes Sindicalistas, reunido extraordinariamente em virtude do assalto de que acabam de ser vítimas os organismos instalados na sede da C. G. T., incluindo o Núcleo de Lisboa, por parte da polícia, que numa fúria canibalesca destruiu parte dos haveres e se apossou das importâncias em dinheiro que nos mesmos existia, resolve fazer público o seu protesto contra semelhante arbitrariedade.

O mesmo comité aconselha neste momento todos os jovens filiados na F. J. S. a que se conservem firmes contra todas as investidas, mantendo acima de todos os seus princípios de jovens revolucionários, preservando-se dos maneios políticos que possivelmente os pretendam arrastar para satisfação dos seus fins».

BARCARENA, 2.—Um grupo de operários da Fábrica de Barcarena protesta contra o assalto praticado pela polícia.—J. S. R.

Los impressores tipográficos e ao operariado em geral

Uma horda de facínoras, pertencentes a uma corporação que dizem organizada para manter a ordem e assegurar a propriedade individual, invadiu na madrugada de ontem o nosso gabinete social e de outros organismos, destruindo móveis e utensílios de expediente.

O estado de destruição em que tudo ficou é a prova eloquente da excitação alcoólica em que alguns se encontravam, bem como do ódio feroz que tais fanfarrões votam ao proletariado organizado.

A direcção do Sindicato dos Impressores Tipográficos, protesta energeticamente em nome da conveniência, que só uma acção energica do proletariado organizado poderá pôr cobro a tais desmandos, e assim exorta os componentes da classe a corresponderem condignamente a estes enxovalhos no momento em que se julga propício.—A Direcção da Associação de Classe dos Impressores Tipográficos.

Um aviso importante

Como a polícia tivesse levado os carimbos do Conselho Técnico da Construção Civil do Núcleo da Juventude Sindicalista, estes dois organismos aconselham a organização sindical a não atender expediente que tenha esses carimbos.

AS GREVES

Os tanoeiros de Vila Nova de Gaia resolvam boicotar o vasilhame de retorno

Os operários tanoeiros de V. N. de Gaia vêm de reunir em importante assembleia magna para apreciar os prejuizos que lhes acarreta o vasilhame de torna-viagem e assentarem no caminho a seguir.

Nessa sessão Joaquim dos Reis apresentou o resultado das «demarches» efectuadas pelo Sindicato e Federação junto do governo e industriais e combatendo a inércia dos governantes, apela para que todos os operários tanoeiros reajam contra a situação em que os têm colocado a inércia do governo e a ganância dos exportadores.

Sobre a crise de trabalho salam varios oradores que escalpelam os seus provocadores e incitam a classe a manifestar-se pela defesa dos seus interesses.

Por fim a assembleia aprovou com entusiasmo uma moção em que se estabelece a proclamação da greve geral a partir do proximo dia 7 de Outubro, nomeando-se para orientar esse movimento um comité especial.

Nesta sessão usou da palavra o representante da Batalha que ofereceu aos operários tanoeiros de Gaia toda a solidariedade do órgão defensor dos explorados.

A sessão terminou entre vivas à C. G. T., à Batalha, à greve e abaixo ao torna-viagem.

O imperialismo europeu contra a China

LONDRES, 2.—Uma nota officiosa anuncia um accordo das potências interessadas na China, exprimindo o desejo de regular os incidentes de Xangai.

A mesma nota observa que no intuito de esclarecer as medidas militares tomadas pelas potências é ordenado o reembarque dos destacamentos navais.

As manifestações contra a reacção conservadora foram reprimidas, com grande aparato bélico, pela guarda republicana

O governo Domingos Pereira tinha um determinado stock de liberdade para distribuir. Guardou-o sempre avaramente consentindo que a figura de polícia sinistro e cínico do sr. Barbosa fosse o seu inspirador. O stock de liberdade de que o governo dispunha—a liberdade dos governos democráticos é por conta, peso e medida—foi generosamente concedida aos conspiradores de 18 de Abril que puderam fazer no Tribunal Militar da Sala do Risco um comício e o que sobejou foi dado com intenções especulativas aos marinheiros que foram ludibriados e presos. E o stock de liberdade gastou-se completamente com os monárquicos Raúl Esteves e Filomeno da Câmara, não sobejando nem um pedacinho, nem para o consentimento dum comício menos onusto do que o da Sala do Risco que os republicanos pretendiam realizar.

A proibição do comício não foi clara, não foi aberta, não foi franca. Não havia audácia nem coragem para tanto. Sobejou a vontade mas não se podia ir tão longe como os partidários de Raúl Esteves queriam.

E daí o ter-se dito oficialmente ao Comité de Defesa da República que o comício que tinha sido proibido no Terreiro do Paço podia ser feito no Parque Eduardo VII ou na Rotunda, onde estão sendo construídas umas barricadas comemorativas do 5 de Outubro em tudo dignas duma opereta austríaca...

O sr. Pestana Júnior, em nome do Comité, respondeu que não ia para a Rotunda nem para o Parque ainda que o governador civil e o chefe do governo o mandassem para esses dois locais.

Esta proibição serve aos republicanos de lição, que é para saberem como procedem aqueles que apoiavam quando estavam em boas relações partidárias. Temos sido vítimas de muitas prepotências, a nossa liberdade de reunião foi muitas vezes espezinhada para que a infame proibição deste comício nos cause estranheza. Os republicanos é que podem estranhar porque, naturalmente, só agora, que foram atingidos, é que reconhecem o que há de criminoso no procedimento dos governos, quasi todos democráticos, quasi todos liberticidas por temperamento, por convicção e por hábito.

A pesar de do comício ter sido proibido, afluíram ontem ao Terreiro do Paço numerosas pessoas que a guarda republicana fez dispersar. O aparato bélico naquela praça foi grande.

Também ao Parque Eduardo VII afluíram cerca de mil pessoas que uma força da G. N. R. intimou a retirar-se.

No Rossio juntou-se muita gente durante todo o dia, comentando desfavoravelmente o procedimento do governo e criticando acerbamente a proibição do comício. Por volta das 16 horas chegaram do Terreiro do Paço as pessoas que a G. N. R. obrigou a saírem de lá, a pesar de se terem mantido em atitude pacífica e correcta. Junto da estatua de D. Pedro improvisou-se nessa altura um comício em que falaram, além dum orador cujo nome não conseguimos apurar, o sr. Lavaredo de Carvalho. Este deputado pronunciou um curto e veemente discurso, criticando a abolição dos «abrilistas» e pondo-a em contraste com a dos que foram deportados para a Guiné, sem prévio julgamento. O orador atacou ainda a violência que as deportações representam e o facto do actual governo não ter feito a reparação que era justa e a que, aliás, se tinha comprometido.

A guarda republicana interveio a impedir que o improvisado comício prosseguisse. E assim sucedeu.

A redacção do Mundo, onde se encontrava reunido o Comité de Defesa da República, esteve durante o dia cercada por um forte contingente da guarda republicana. As ruas que ficam próximas daquele jornal também estavam ocupadas por patrulhas da G. N. R.

Um grupo de indivíduos que pretendem realizar uma manifestação de aplauso ao Mundo teve de sofrer as violências da guarda republicana. A manifestação foi brutalmente reprimida pela G. N. R. e dispersada à espadelada.

Os republicanos manifestaram em diversos pontos da cidade o seu descontentamento pelo aparato bélico feito em frente do Mundo e pelas pranchadas que a G. N. R. distribuiu. Essas pranchadas servem para que eles sintam um pouco o que valem as violências tantas vezes e iniquamente descarregadas sobre nós.

O susto do governo

O governo assustou-se em extremo e mandou pôr a tropa de prevenção rigorosa. Os quartéis estiveram vigiados. De quem é o governo tem medo?

Não queremos propositalmente responder a esta pergunta. Mas julgamos de todo o ponto conveniente referir que junto do presidente do ministério têm-se feito varias intrigas com o objectivo de o lançar no caminho das mais desastrosas e comprometedoras violências. Sabemos igualmente que o têm incitado, procurando aguilão como se faz a um cão de guarda...

Sabemos ainda que o sr. Barbosa Viana sempre esta acorrendo personagem!—lhe entregou umas informações fantásticas recheadas de fantasias terroristas. Essas informações policiaes são grosseiras mistificações feitas com as mais perversas e criminosas intenções.

Dois manifestos

Foi ontem profusamente distribuído por toda a cidade o seguinte manifesto que passamos a reproduzir:

ABAIXO A TIRANIA!

«Voltámos aos odiosos tempos da tirania.

Permite-se aos monárquicos e aos representantes das «forças vivas» que em dias sucessivos façam propaganda contra a República e contra os seus mais altos representantes.

Proíbe-se aos republicanos que manifestem a sua simpatia e o seu respeito por aqueles que tão injustamente foram agravados.

Já não há liberdade de opinião. Suprimiu-se o direito de reunião. Desses direitos só gosam os monárquicos e os representantes do sindicato de politica e negócios.

Para onde vamos? Manda-se espingardear o Povo por preterir homenagem a republicanos.

Proibem-se manifestações a jornais republicanos.

Assaltam-se os jornais que defendem o

proletariado, como se de inimigos da República se tratasse.

E' preciso salvar a República! A liberdade foi ferida de morte, e sem liberdade a República não pode viver!

Republicanos alertas! Viva a liberdade! Viva a República!»

Causou grande impressão um manifesto em que era visado o actual ministro da justiça Casimiro Augusto Monteiro. E' bastante curioso esse manifesto, motivo por que o transcrevemos na integra:

AO POVO! LÊ E MEDITA:

«E todos, senhor, estamos convencidos de que esta aspiração só pode realizar-se com a monarquia, que é a única garantia de liberdade, de ordem e de progresso!»

«Amamos o nosso rei e confiadamente esperamos na sua acção inteligente, honesta e fecunda, a realização da obra ingente e gloriosa de colocar o nosso presente ao nível do passado heroico».

(Livro de Ouro da viagem de D. Manuel ao Norte, pag. 189).

Sabes, Povo, de quem são estas palavras? Do actual ministro da justiça, ao tempo da viagem do ex-rei ao norte, presidente da Câmara de Barcelos.

Deve ter sido por conselho deste e de outros ministros que o governo proibiu o comício dos republicanos!

Viva a República!

Um apelo às armas

Foi ontem vendido na Baixa um jornal republicano que inseria o seguinte apelo:

«As armas, povo republicano! Vivemos em pleno «sidonismo».

A manifestação projectada para hoje a Sua Ex.ª o Presidente da República foi proibida e a Batalha, órgão das classes que trabalham e produzem, foi, às 2 horas da manhã, assaltada por «agentes» do governo.

As armas povo republicano! continuamos a gritar.

O governo que actualmente se encontra à frente dos destinos da Nação não tem força ou autoridade para defender a República.

E' preciso que nós, sinceros republicanos, voltemos a ensinar «pela 2.ª vez» Monsanto e façamos a República.

O actual governo não tem o direito de continuar a dirigir os negócios do Estado. Precisamos dum governo bem republicano.

Povo de Portugal: Se queires uma República, grita com-nosco: «Abaixo o Sidonismo ao quadrado! Viva a República Verdadeira!»

Prisões arbitrárias

Foram ontem presos varios individuos que andavam distribuindo os manifestos que noutro lugar inserimos.

Pelo mesmo motivo foi também preso o sr. Eduardo de Sousa, redactor do Mundo.

Escusado será acentuar que estas prisões constituem uma arbitrariedade.

Casal desavindo

Mulher agredida a tiro pelo marido que depois tentou suicidar-se

Em Telheiras de Baixo letras M. G. S. reside o serventário da Alfandega, José Mendes, de 29 anos, natural do Campo Grande, casado com Deolinda Dias Lourenço, de 25 anos, natural de Lisboa, de quem tem duas filhas, Narciza de 8 anos e Guilhermina de 6 anos. A Deolinda, não se podendo conformar com a maneira como seu marido, de ha tempos, a vinha tratando, resolveu abandoná-lo, passando a viver, há cerca de quatro meses, em casa de seu pai Joaquim Lourenço, na rua de Entreampas n.º 2, onde também reside uma sua prima Maria Dias Rego. Ontem de manhã, a Deolinda acompanhada pela Maria, dirigiu-se a casa do marido afim de lhe pedir uma porção de roupa das crianças. Uma vez em casa do Mendes, enquanto a Deolinda ficava conversando com o marido a Maria saiu a visitar umas vizinhas. Entre o marido e a mulher houve então troca de palavras azedas, a meio das quais o Mendes puxou de uma pistola que dispunha contra a Deolinda, indo um dos projecteis atingi-la nas costas e perdendo-se o outro. Em seguida o Mendes voltando a arma contra si, disparou-a por três vezes, no ouvido direito. Aos gritos da ferida acudiram varias pessoas e a policia, sendo requisitado para a Cruz Vermelha um automacão, no qual os feridos foram transportados ao hospital de São José, em cujo banco foram observados pelos drs. José Paredes e Henrique Ruas, recolhendo depois de devidamente pensados, o Mendes, cujo estado é grave, à sala de observações e a Deolinda à enfermaria n.º 7 do hospital da Estefânia.

DENTES ARTIFICIAIS a 25000.

Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Coliseu dos Recreios HOJE - SÁBADO - HOJE A's 21 (9 da noite) Inauguração da época de inverno ESTREIA da Grande Companhia de Circo As maiores e mais surpreendentes novidades e atracções A' manhã—PRIMEIRA E GRADUADA «MATINEE» Bilhetes à venda

Notas & Comentários

O carácter da manifestação policial

Ninguém daviu que o assalto que, a pretexto duma busca, na madrugada de ontem a policia fez à Casa Sindical, onde estão instalados a C. G. T., Federação da Construção Civil, Federação das Juventudes, etc., é uma manifestação das autoridades... contra a reacção. Os gestos são mais eloquentes do que as palavras. Arramparam o balcão duma scena teatral, em sinal de protesto contra as forças vivas... e quebraram um pobre Cristo do cenário do Grupo Dramático, significando assim as suas convicções anti-clericais... Estamos com a nossa gente...

Diferenças de processos

A manobra como o Século noticiou o assalto à C. G. T. é sintomática e define o carácter das pessoas que dirigem o movimento das forças vivas que tantas afinidades teve com o movimento abelista. Principiava por intitular a local referente do assunto desta forma suggestiva: Contra a nova «Legião Vermelha». A policia passou uma busca, na madrugada de hoje, ao edificio da C. G. T. E, como os leitores vêem, o propósito jesuítico de estabelecer no espirito do público uma confusão infamante entre a C. G. T. e a «nova legião vermelha». Como eles se esqueceram de quando protestamos contra o encerramento da Associação Industrial, porque, leais e correctos, não desejávamos que ao nosso adversário irredutível fosse coartado um direito que para nós reclamamos. Diferença de processos—diferença de caracteres...

Sociedades de recreio

Grupo de Bandolinistas e Excursionistas Boa União.—Realizou-se no dia 25 de setembro p. p. a assembleia geral deste Grupo, para eleição de novos corpos gerentes, dando o escrutínio o seguinte resultado:

Direcção, presidente, Francisco José Duarte; vice-presidente, João Lima; 1.º secretário, António Sequeira; 2.º secretário, Joaquim de Freitas Garcia; tesoureiro, Joaquim Castro; 1.º vogal, Sadi Ferreira; 2.º vogal, Júlio Viegas. Conselho fiscal, presidente, António Rodrigues Silva; secretário, Alberto da Silva; relator, Armando Paiva. Assembleia geral, presidente, António Alves de Andrade; 1.º secretário, António Maio e 2.º secretário, Manuel Cunha.

Academia Recreativa Leais Amigos.—Nesta colectividade de recreio realizou-se, hoje, pelas 21 horas, uma festa de homenagem a José Gomes Ferreira, velho conhecido desta academia.

Do programa que consta da representação duma peça em 2 actos, realizar-se-á um acto de variedades no qual tomam parte por especial deferencia D. Maria do Carmo, que se fará ouvir nos seus majestuosos fados a guitarra.

Quer os amigos do homenageado, quer os da Academia não devem faltar a esta festa.

Grupo Recreio Excursionista «15 de Agosto».—Reuniu a assembleia geral que elegue os corpos gerentes e ficou assim constituída: Direcção, Henrique José Pereira; Américo dos Santos, João R. dos Santos, Melchior Américo e Manuel J. Pereira. Assembleia: Júlio Ferreira, Evaristo A. Pereira e Inocência Ferreira. Conselho fiscal: Alberto Merg, Jorge da Silva e António da Silva. Toda a correspondência deverá ser dirigida para a sede provisória, rua da Guia, 13-2.º

Grupo Dramático «Os Modestos».—Reúne hoje a assembleia geral.

A AGUA DO ANDALUZ

A comissão de defesa desta água entregou ontem na Câmara Municipal uma representação, na qual aprecia as péssimas condições em que vive o povo da nascente e expõe quais as obras de beneficência que julga mais urgentes a fazerem-se, a fim de que as boas qualidades deste precioso liquido não se possam alterar, e pede que não seja permitido a ninguém tirar água da nascente por meio de vazilhas, pelo que se deve mandar tapar todas as aberturas do poço. Finalmente manifesta o desejo de ver substituído o velho cano da nascente do chafariz por tubo de ferro galvanizado, por ser o mais próprio pela sua resistência e higiene.

A comissão espera que a Câmara Municipal tome na devida conta os seus desejos por estes representarem um salutar benefício a uma grande parte da população que actualmente consome aquella água.

Movimento dos africanos

Reúne-se extraordinariamente no próximo dia 7 do corrente a Junta Directiva do Partido Nacional Africano, em sessão conjunta com a Federação Africana de Lisboa e os representantes dos grêmios e ligas aderentes ao mesmo partido, para deliberar sobre a attitude a assumir em face das notícias agora chegadas de Africa e, ao mesmo tempo, para se tomar conhecimento dos trabalhos realizados em Ginebra pelos delegados do mesmo partido.

DESPORTOS

Sapadores Atlético Clube

Para a disputa de uma taça e 3 medalhas, realiza-se no próximo domingo, 25 do corrente mês, uma corrida pedestre de 5 quilómetros para corredores principiantes não medalhados pela Federação, para a qual se encontra aberta a inscrição, por equipes de 3 corredores por clube, todas as noites das 20 em diante, na rua do Vale de Santo António, 283, 1.º.

TIVOLI

TEL. N. 5471 ÀS 8 3/4 h.

NA VESPERA DO COMBATE

Adaptação cinematográfica do romance de Claude Farrère VEILLE D' RMES

Duas ciné-farças Dois documentários Revista cinematográfica

Aniversário da República

As comemorações que se vão realizar para solenizar o 15.º aniversário da proclamação da República e que para aí se anunciam levados a efeito por varios centros partidários que assim aproveitam a oportunidade para agredir e desacreditar os seus adversários, longe de engrandecer o regime que festejam e enaltecerem o feito que comemoram antes o deprimem e rebaixam, pois que, muito embora um razoavel número delas tenha por parte dos seus organizadores a melhor das intenções nem por isso deixarão de redundar naquella sensaboria a que estamos acostumados.

As comemorações que por aí se projectam e que na maioria dos casos, não passam de simples pretexto para exibir um republicanismismo que só agora se denuncia, são manifestações falhas de entusiasmo, de alegria e de verdade, pois que, a pesar de serem anunciadas com a mais larga das publicidades, nem por isso deixam de se resumir ao rebanhar de meia dúzia de morteiros e a dois ou três discursos de políticos ávidos de cientes e desejosos de votos. Comemorações há, que mais parecem uma missa de finados em que só os parentes e herdeiros assistem do que a solenização dum acto que a todo o povo pertence.

O povo, aquele povo que de arma a tiro e bomba em riste assaltou os quartéis, tomou navios, partiu um trono e desfez uma dinastia, como se a data que passa lhe fosse completamente indiferente e para ele não representasse mais que o triunfo do arbitrio, da incompetência e do capital, nem sequer se dá ao trabalho de subir as escadarias dos centros para com a sua presença dar maior luzimento e vida a essas festas e a essas comemorações. Daí, o seu fiasco e a sua afirmação de que o povo está divorciado do regime. Mas não! senhores do mando. Não! cidadãos da Finança, da Indústria e do Comércio. A vossa afirmativa é mentirosa e é canalha. O povo não se divorcia da República, porque a República é um progresso. O povo não se divorcia da República porque ela envolve uma ideia de Liberdade e a Liberdade tem o cheiro de caudais e caudais de sangue.

O povo não se divorcia da República porque ela na marcha intermina do mundo como na grande e incensurável amplitude do tempo desaparece, como desaparece as fronteiras e como não de desaparecer as nações, para dar lugar a outros ideais, a outros horizontes bem mais fraternais e bem mais completos do que esses que a canalha, a rale e os famintos fizeram há quinze anos e em quinze anos tanto têm defendido e tanto os têm perseguido. O povo ultrapassou a República.

O povo em rasgos heroicos tem obstado a que nos assaltos criminosos que lhe têm dado, ela seja estrangulada e assassinada. Do que o povo se divorcia e do que o povo se alheia é da diadura disfarçada mas perigosa que os neo-republicanos têm exercido e estão exercendo contra aqueles que há quinze anos lhe deram caça.

Do que o povo se divorcia é de feitos como os daqueles que numa perseguição revoltante enviaram para as mortíferas e longínquas paragens africanas e encerram nos infames calabouços das esquadras, indivíduos sem julgamento e com processos ao que parece apenas armados à intenção. Do que o povo se divorcia é alheia é da administração desses republicanos da última hora que tomando de assalto todas as repartições do Estado tem conduzido o país a este estado de miséria e podridão que ora se revela na Sala do Risco, ora se mostra nas salas de São Bento. Dessa administração que conseguiu fazer do regime um regime de processos idénticos e tão célebres como os da monarquia, em que a liberdade de pensamento é uma blague e a de escrever uma condição.

Assim, que admira que se mostre retraído à obra que todos conhecem um povo que lutou e se impoz para ser livre e alcançar direitos? Não! Não, pode ser outra a attitude do povo, daí a pobreza das vossas manifestações e o fracasso dos bons intentos. Mas daí ao povo toda a liberdade de pensar, toda a liberdade de agir pacata e ordeiramente, sem as arremetidas dum patronato que o rouba e dum comerciante que o explora, que então a sua alegria voltará.

Dai aos martires dessa ditadura disfarçada, só própria de quem nunca deu um passo para o triunfo da democracia, a facilidade de despedaçar as algemas que os agrihoam em Africa e os tortura nas prisões da metrópole e então teréis uma sessão que outra não se lhe compare.

Deixai que o povo, sem licença daqueles que o perseguem mais por sistema do que pelo crime, possa gritar como o apóstolo Paulo: Não temos aqui cidade permanente mas vamos em busca da futura, que então a república não será na afirmativa dos reacçãoários o regime divorciado e despedido pelo povo.

Sim! Deixai-lhe tudo isso, isso que ele só não realiza porque não quer, se não vem nem educa, que então não teréis só effluído a maior manifestação, mas também feito a melhor República que ele nunca viu e concebeu. Uma República sem oligarquias, sem o poder nefasto da Finança, sem a força perigosa do capital e a tirania da reacção clerical e monárquica, que por aí se estadeia a fingir de republicana e a afivelar canalhamente a máscara bendita da democracia.

Deixai tudo isso se quizerdes, de contrário o povo que há quinze anos atingiu a sua maioridade e que hoje mais do que nunca parece disposto a fazer por suas mãos aquilo que a ele diz respeito, saberá como há quinze anos impôr a razão, o direito e a justiça.

Paulo EMÍLIO (Revolucionário Civil)

Bodos aos pobres

A Junta da Freguesia dos Restauradores distribue no próximo dia 5 pelas 10 horas, na sua sede Travessa de São Domingos, 7, 2000 a cada pobre seu protegido, e calçado e vestuário a 20 crianças.

Agradecemos a senha enviada.—A fim de solenizar o 9.º aniversário da fundação do grupo recreativo «Os modestos», haverá no próximo dia 5, às 6 horas, alvorada, às 14 horas, bodo a 150 pobres a quem serão distribuídos 5 escudos a cada um; em seguida, sessão solene na qual usará da palavra diversos oradores.

A noite, baile abrilhantado por uma excelente orquestra que também se fará ouvir durante a sessão solene.

Agradecemos as senhas que nos enviaram.

—A Junta da Freguesia de São Tiago comemora o 5 de Outubro com varias festas na freguesia e dará um bodo aos pobres.

—A Junta da Freguesia de Santa Isabel também nos enviou 5 senhas para distribuímos pelos pobres para o bodo que ela distribue.

—O Partido Radical dá também um bodo aos pobres.

—A Junta da Freguesia da Madalena

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

A companhia de circo no Coliseu

Lisboa vai passar a viver umas horas diárias de alegria com a reabertura do Coliseu dos Recreios, que hoje inaugura a sua época de inverno com uma companhia de circo que nos afirmam ser a melhor e mais completa que tem vindo a Portugal. Isto quer dizer que, desde hoje, aquela popular e vasta casa de espectáculos passa a ser o ponto de reunião das pessoas de bom gosto que ali irão admirar os mais emocionantes e arrojados trabalhos como o de miss Quincy que se precipita da altura de 20 metros para uma piscina apenas com 1.º 50 de água, fazendo no ar uma rápida e elegantíssima curva, e os ditos espirituosos dos palhaços que conservam toda a gente em permanente alegria e que são o enlêve das crianças.

Não admira, portanto, que o Coliseu marque hoje uma enchente, tanto mais que há manifesta curiosidade em ver os magníficos trabalhos da nova companhia.

A' manhã realiza-se a primeira e grandiosa «matinée» da época.

Reclames

Sucedem-se as enchentes no Apolo, retirando-se muitas pessoas em consequência de não encontrarem os bilhetes que pretendem. E, pelo visto, assim sucederá até à última representação de «A Galdéria», que só irá à scena em mais quatro noites.

Ora, como os bilhetes são, sempre, vendidos, sem locação, como medida preventiva, é melhor adquiri-los durante o dia, e assim já não ficarão privados de apreciar Ilda Stichini e Rafael Marques, nas suas esplendidas criações, nessa emocionante peça, em que tem conquistado unânimes elogios.

—Estando completa a instalação eléctrica do novo edificio do teatro do Ginásio, já se estão ali efectuando, também de noite, os ensaios da companhia que inaugurará a temporada de inverno, sob a direcção do distinto actor-enscenador Gil Ferreira.

—Na bilheteira do teatro Apolo pode fazer-se desde já a marcação de lugares para o espectáculo inaugural da época de inverno neste teatro estreando-se a companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha com a primeira representação da peça de grande sucesso «Os Saltimbancos», que Alves da Cunha vai interpretar pela primeira vez, fazendo ao mesmo tempo a sua reaparição em Lisboa no dia 8 do corrente.

Por causa dum porco

Na Costa de Caparica, reside o trabalhador Filipe António Dionísio, de 35 anos, dali natural, o qual ajuntou com Manuel Rôla, morador na Charneca, próximo daquelle localidade, a compra dum suíno, e por conta da qual, deu previamente, como sinal, a quantia de 50000.

O Manuel Rôla, porém, como lhe apparecesse um individuo ali conhecido pelo nome de António Pequeno que lhe ofereceu maiores garantias pela transacção, vendeu o animal a este.

Ao ter disso conhecimento o Filipe dirigiu-se imediatamente a casa do Manuel Rôla, com quem, pelo seu procedimento, teve uma violenta troca de palavras azedas, acabando o Rôla por agredir o Filipe com uma enxada, fazendo-lhe um grande ferimento na cabeça.

Ao ferido acudiram varias pessoas sendo-lhe ali prestados os primeiros socorros e vindo em seguida para Lisboa, onde, num auto da Cruz Vermelha, foi

A BATALHA

Dur. nte o dia e parte da noite de ontem milhares de pessoas, numa verdadeira romaria, visitaram as dependências da Confederação Geral do Trabalho.



ESTRADAS DE PORTUGAL...

UMA VIAGEM TORMENTOSA

Em cinco e meia léguas de caminho o viajante quasi fica reduzido a um monte de destroços...

A viagem continua tormentosa, devido ao péssimo estado em que o caminho se encontra... todavia, o auto—qual transatlântico—ondula, ginha, contorce-se, desconfia-se e geme mas, como o seu arcaiboio é de construção resistente, reage naquele mar de covas.

Em vários pontos as franças abraçam-se, formando abóbodas—que embracam a passagem—e, em silêncio, carpem as suas máguas por se encontrarem prisioneiras naquelas sítios, sujeitas às intempéries, aguardando o momento derradeiro... Estabelecendo-se, então, no tejadilho uma luta desesperada e os passageiros, com frenesi, defendem o corpo, principalmente, o rosto não vá algum gallo golpeá-lo traiçoeiramente.

Entretanto, a região sofre diversas mutações: de víco, onde os espantinhos afugentam os atrevidos pardais cheios de fôrça, ou duma aridez selvagem, denotando a sua falta de vegetação não ter entrado ali a mão hercúlea do homem, ou que o solo não tem propriedades de fecundar.

O chauffeur, com pericia, desvia-se, o mais que pode, das sinuosidades da estrada, a fim de flagelar, o menos possível, os pobres viajantes.

A nossa passagem, afastam-se galeras carregadas de trouxas com roupa e respectivas lavadeiras e réguas de burros ajoalhados de cestos cheios de perfumados e entusiasmados frutos.

Os atravessares o Pinheiro de Loures, povoação importante, com o seu característico charlar de colunas abobadadas e com as bicas onde, a gente da terra se abastece de água, às janelas assomam criadilhas, de rostos sedutores e olhos tentadores, que agitam os seus braços desejando-nos boa viagem.

A busina corta os ares, furiosamente e o seu som enervante afugenta cães e galinhas em corrida desordenada.

Depara-se-nos o Alto da Portela, flanqueado de montes, e ao longe, muito ao longe, aparece-nos, esfingido como um espectro—o Cabeço de Montachique—que raramente deixa de nos perseguir. Caminha-se à beira dum precipício e, lá no fundo, à altura de cento e tal metros lobriga-se um logarejo—o Pisão—envolvido de hortas, onde são colhidos tomates, pimentos, cenouras e nabos que os gericos transportam, subindo a encosta vagarosamente e, cá em cima, os saloios recolhem-nos e agitam-nos, cuidadosamente, nas galeras que os hão-de conduzir aos mercados de Lisboa.

Quem tiver a suprema felicidade de usufruir o privilégio das férias, para poder gozar uns dias efêmeros de repouso, fora de Lisboa, distante da agitação enervante da cidade, observará quanta beleza a natureza nos proporciona, com os seus encantos e surpresas, mantendo-nos os sentidos em constante análise.

Se a massa proletária anónima—aquela que frequenta as tabernas, não sabe ler e que é muito temente a Deus—quisesse preocupar-se com a sua saúde, enfim com a sua existência, baniria da sua vida, primeiramente, o alcoolismo, o analfabetismo e os dogmas religiosos, para depois com mais consciência lutar e libertar-se de todas as forças que o amarram ao pelourinho da ignorância e da escravidão; assim, o seu pensamento voaria mais alto e com altivez conquistaria o descanso anual, dentro da actual sociedade, a fim de refazer as energias sacrificadas em prol do Capital.

E, então veria como é bela e encantadora a vida magnificente dos campos, onde a vegetação se cria em constante promiscuidade ou nas praias onde se vive sonhando, ao ruído das ondas prateadas numa noite de luar, em contemplação continua de o mar, procurando desvendar-lhe os infinitos segredos e mistérios que a sua profundidade alberga.

O dia ia caminhando para o ocaso quando o «Barraqueiro» saiu do «Lumi» com a lotação excessivamente preenchida levando até gente nos estribos guardalumas; o motor vai livre porque aquece e ronca com frémito. Os pneus sulcam a estrada, riscando metros sobre metros, passando pela casaria acabrunhada e enegrecida da Povoia de Santo Adrião.

A extensa planície que se segue, aprazível e plena de sol, dá pasto ao gado bovino que, tremalhado, procura pacientemente a sua alimentação e, com indiferença, aguarda a hora decisiva do magareife meter a choupá e lhe tirar coisa mais preciosa: a vida...

A trepidação é violenta, e as voltas que o corpo dá, sucedem-se até se adquirir uma posição confortável; embora momentânea; e, enquanto o espírito se preocupa, quasi não há tempo de apreciar as quintas que nos acompanham, e os deliciosos frutos que estão suspensos nos pomares.

Quando se pára em «Loures», sede do concelho, vislumbra-se um desusado movimento e regista-se com satisfação o elegante e luxuoso edifício—de escultura simples e agradável—onde está instalada a Câmara Municipal. Guarnecido um minúsculo jardim público, notoriamente limpo, com o respectivo coreto onde, em dias de festa, os músicos dão ensejo a horas felizes.

Já o firmamento vai tomando a cor safira quando se transpõe a Ponte de Louza, onde o ribeiro segue mansamente...

Fala-se da campanha do «Diário de Notícias» acerca do grave problema das estradas e eu, em silêncio, recordo o inquérito da Batalha às classes laboriosas, sobre a razão da crise de trabalho e quais os meios para a debelar, que expuseram com desassombro em que quasi todos os sindicatos tocavam a tecla do mau estado em que se encontram por esse país fora, as principais vias de comunicação. Entretanto, os poderes constituídos fizeram ouvidos de mercador, como sempre, e nos lares miseráveis dos trabalhadores morre-se de fome porque, supremo paradoxo, o estado e as «forças vivas» dizem que não têm nada para dar que fazer...

Depois de mais uns momentos de sacrifício, chega-se à estância que nos dará o lenitivo às forças perdidas.

Avista-se Louza e à entrada uma mul-

tidão de veraneantes anciosamente nos espera. Destacam-se separadamente, ranchos de mancebos alfacinhas, enfatuados, metidos em casacos cintados, pretos—como as trevas do seu espírito—e de calça branca bem vincada que, com voz afectada, dirigem gráçolas e fazem «flirt» a algumas meninas lisboetas, de labios carminados—para esconderem a anemia—de plásticas elegantes, de indumentária decotada e bem justinha ao corpo—feita de tecidos vaporesos e cores «dernier cri de la mode»—deixando transparecer as suas voluptuosas formas virginais...

Estas esperanças raparigas em vez de se apetrecharem com os indispensáveis conhecimentos sociológicos, culinários e de periculiatura para aprenderem a ser belas esposas, boas donas de casa e mães exemplaríssimas, alheiam-se das funções sociais, do progresso humano e empregam as suas horas de ócio em coisas banalíssimas: ciclando amor, agitando a trunfa revolta «à garçonne», perfumando-se com cheiros inebriantes; e ensaiam a ladainha para ser cantada na festa da nossa senhora (?) do Rosário.

E' junto dum terreno que serve de esgoto—um foco de infecção, onde os dejectos se estagnam, exalando um perfume nauseante e pestilento,—que o carro pára, estando as famílias que nos aguardam sujeitas àquela imundície que causa vômitos e dores de cabeça.

Somos assaltados pelos entes queridos que, entre beijos e abraços, avidamente, se informam do estado de saúde da família ausente, aquela que está muito longe do seu convívio.

Assim, termina o suplicio do pótro moderno—as estradas, que deixam o infeliz «touriste» entorpecido, com os rins escangalhados, as tripas num nó e o corpo amachucadíssimo.

Foram 25,7 quilómetros de martírio. Não tardará que os ilustres pais da pátria, na sua propaganda eleicoeira, agitem mais uma vez o arranjo das estradas... E o povo que ainda os fôr gramar que os corra à batada que é o que eles merecem.

E quem quizer viajar que se arme de arnes!

Domingos Afonso RIBEIRO.

SALÃO DE FESTAS

DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Sábado, 3 de outubro de 1925

(às 21 horas prefixas)

Grandiosa recita em auxílio da Escola

da Construção Civil, com a representação da aplaudida peça em

4 actos do escritor Júlio Dantas

A SEVERA

desempenhada pelo distinto Grupo

Dramático «Os Aliados» que

tem merecido fartos aplausos.

HORARIO DE TRABALHO

Na rua da Fé

Numa obra da rua da Fé encontra-se um

pedreiro fazendo horas suplementares.

E' de lamentar que esse operário se não

recorde do esforço que custou ao operário

da indústria a conquista dessa importante

regalia.

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba

de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7

de Maio de 1919 e respectivo regulamento

publicado no Diário do Governo de 20 de

Maio sobre o horário de trabalho, sendo

o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir

quantidade far-se-há um abatimento de 50

por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

SOLIDARIEDADE

Operários municipais

Convidam-se os operários que ficaram

com bilhetes do espectáculo pro Alfredo

Pereira Vaz e ida dos delegados ao con-

gresso, e que ainda não liquidaram os bi-

lhetes vendidos, a irem entregar as respec-

tivas importâncias hoje.

Melhoramentos no Tejo

Pela missão hidrográfica, de que é chefe

o capitão de fragata sr. Filipe de Carvalho,

já está feita a balisagem da carreira dos

barcos no Tejo. Deste importante trabalho

resultará a intensificação da navegação do

Tejo, o que deve trazer incalculáveis vanta-

gens para a economia nacional. Essa carrei-

ra será de futuro dragada amidadas vezes

e pensa-se em se construir um cais acostal-

para a navegação fluvial poder com fa-

cilidade carregar e descarregar.

Bombeiros Voluntários da Ajuda

Realizam hoje, amanhã e depois, as festas

comemorativas da inauguração dos novos

carros para serviço de incêndio e saúde.

Hoje, às 23,50 horas, na estação do Ros-

sio, a recepção às corporações congêneres

convidadas.

Amanhã, sessão solene às 13,30 horas, e,

às 14,30 baptismo das novas viaturas, que de-

pois passearão pela cidade, visitando a Im-

pressão e várias entidades. A's 21 horas con-

certo.

Depois de amanhã haverá um bado aos

pobres às 14 horas, e às 18, recepção às

corporações de bombeiros que venham

assistir às festas. A's 21 horas, concerto e

fogo de artifício.

Durante estas dias estará o quartel, sito

na Praça da Alegria, patente ao público.

C. G. T.

Comité Confederal
NOTA OFICIOSA

Tomou ontem posse, que lhe foi entregue pelos membros do Comité cessante, o novo Comité Confederal eleito no Congresso de Santarém.

O novo Comité, no acto de posse do encargo que lhe foi cometido pelo Congresso de Santarém, exprime o desejo de que a organização confederada procure realizar as resoluções colectivas daquela magna reunião.

Exorta todos os organismos não confederados a ingressarem na C. G. T. para que a força efectiva do proletariado possa constituir de facto uma barreira formal contra a burguesia e a reacção.

Envia efusivas saudações ao proletariado português, e, por cima das fronteiras, abraça espiritualmente o proletariado internacional, fazendo ardentes votos para que, por intermédio da A. I. T., se integre no espírito do sindicalismo revolucionário e libertário.

O COMITÉ CONFEDERAL

A vida social em Xangai e os vexames que os estrangeiros infligem aos chineses

A propósito dum inquérito às condições de trabalho na China, o Bureau de Informações Chinesas fez, entre outras declarações, a seguinte:

«Os patrões estrangeiros empregam nas suas fábricas uma mais elevada proporção de crianças de menos de 12 anos do que fazem os patrões chineses.

A grande maioria da enorme população de Xangai vive sob o control estrangeiro. O relatório do ano passado da comissão operária das crianças de Xangai mostra também que as fábricas chinesas desta cidade empregam 13 % de crianças com menos de 12 anos; as fábricas americanas 15,9 %; as inglesas, 17 %; as italianas 46 % e as francesas 47 %.

A fábrica de tecidos de algodão que emprega maior número de crianças é a Yangtzeop Inglesa. Trabalha 12 horas por dia, e no número dos seus 3.800 empregados estão incluídos 700 rapazes e raparigas com menos de 12 anos.

Exploração das mulheres

As empresas estrangeiras em Xangai também empregam mais mulheres do que as chinesas. Em 45.928 operários de 12 fábricas chinesas 57 % são mulheres; em 85.862 operários de 12 fábricas estrangeiras 79 % são mulheres.

Sob a opressão estrangeira

A população estrangeira em Xangai, segundo o último recenseamento em 1920, era: 23.307 (dos quais 5.341 ingleses) na zona internacional; 3.560 (dos quais 1.044 ingleses) na zona francesa. Nas duas zonas havia, pois, 26.867 estrangeiros, dos quais 6.385 eram ingleses. Incluindo os chineses havia nas zonas estrangeiras 930.068 habitantes. Apopulação da cidade verdadeiramente chinesa é avaliada em cerca de 1.000.000 de pessoas, o que significa que quasi metade da população de Xangai vive sob a administração estrangeira. Além disso, muitos milhares de chineses trabalham nas zonas estrangeiras e vivem fora, avaliando-se a população destas durante o dia em 1.500.000.

Assim, três quartos de toda a população de Xangai trabalha dentro das zonas estrangeiras, sob o «control» da administração estrangeira.

Na zona internacional de Xangai, 3,1º dos seus habitantes (os estrangeiros) dominam os restantes 97 % (chineses), os quais não têm voto, nem quaisquer direitos, embora sejam contribuintes.

Todas estas informações só por si são suficientes para nos explicarem o movimento de revolta contra os estrangeiros ultimamente desenrolado na cidade de Xangai.

Chineses e saes

A Câmara Municipal de Xangai não permite que os chineses, que contribuem com a maior parte dos rendimentos da municipalidade, passem nos lugares mais agradáveis. Ainda há pouco existia nas portas dos parques um aviso dizendo: «não podem entrar nem chineses nem cães», mas, a pesar de terem desaparecido estes avisos, continua a entrada a não lhes ser permitida.

Um jornal russo em Paris

Há coisa de três anos apareceu em Berlim um grande jornal russo, Duí (Os dias) que era dirigido por Alexandre Kerensky.

Este jornal que tanto luta contra os últimos servidores da autocracia russa como contra os detentores do comunismo, acaba de ser transferido para Paris.

A sua colaboração é composta de socialistas, radicais e democratas russos, tendo tido todos eles um papel importantíssimo na revolução russa de 1917.

Especialmente documentados por individualidades que ainda residem na Rússia, os redactores do Duí empregam-se hoje na luta contra os bolchevistas.

MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

Em Inglaterra a reacção não desarma

Aterrorizada com a atitude cheia de dignidade tomada pela classe trabalhadora da Inglaterra, em face do conflito mineiro, a burguesia está-se agora preparando secretamente, a fim de fazer prevalecer pelo terrorismo os ominosos privilégios de que disfruta.

Assim, segundo diz o «Daily Herald», órgão do partido trabalhista, o governo está recrutando uma nova força de policia, que será controlada pelo exercito.

Por outro lado também, a União Nacional dos Cidadãos está contratando novos «voluntários», para manter um serviço nacional permanente.

Uma greve dos operários têxteis japoneses

Os operários têxteis da Nippon Keori Kaisha de Kakogawa, provincia de Harima, Japão, estão fazendo a greve surda, porque a companhia recusa-se a readmitir os dirigentes da última greve de Abril.

Os patrões prometem, quando terminou esta greve, que seriam readmitidos todos os operários nos seus antigos lugares, mas como é costume, não cumpriram a sua promessa, o que irritou justamente os restantes trabalhadores.

A lei das deportações na Austrália

O governo australiano aprovou uma lei, autorizando os ministros a deportar qualquer estrangeiro que «prejudique com os seus actos o interesse público e a manutenção da paz».

Esta medida foi tomada em consequência da acção exercida na greve marítima pelos elementos radicais do movimento operário, não nascidos na Austrália.

As associações operárias têm protestado contra tão iníqua lei.

Um Congresso Nacional Operário em Cuba

Se alguma coisa de importante realizou ultimamente o proletariado de Cuba, foi a constituição da Confederação Nacional Operária, que, ao mesmo tempo que unifica o proletariado, destruindo os prejuizos de raça, marca a sua unidade de acção contra as forças do Capital e do Estado.

No Congresso em que foi constituído este organismo afirmou-se a incompatibilidade entre os partidos políticos e os interesses que tem de defender a Confederação.

Enquanto aqueles só tratam de prolongar o actual estado de coisas, mantendo na servidão e na obediência a classe trabalhadora, a Confederação Nacional afirmou que aspira à destruição de todas as classes.

O Congresso aceitou a delegação fraternal dos I. W. W. da América do Norte, da Confederação Geral do Trabalho do México e da Federação Regional Operária Argentina.

Aprovou três moções de grande interesse: uma contra a odiosa pena de morte, outra contra a guerra, e uma terceira contra a lei das deportações em Cuba.

Os delegados, além do Congresso, organizaram três comícios monstros. Um a favor dos presos de Morón, acusados injustamente de ter colocado uma bomba; outro contra a guerra a convite da A. I. T., e o de encerramento do Congresso. Todos eles foram imensamente concorridos, enchendo-se a ampla Plaza de las Mercedes, de Havana, de trabalhadores que escutaram ansiosos os oradores.

Nos Caminhos de Ferro da C. P.

Os passageiros de Vila Franca prejudicados em beneficio de outros

Recebemos com o pedido de publicação a carta abaixo:

OLIVAIS, 1.—Presado camarada.—Faz parte do horário da C. P., um comboio que devia partir do Rossio às 19,27 horas, o que é raro suceder, devido à escandalosa protecção dispensada aos comboios de Sintra pois para darem avanço a estes já os passageiros daquele trem esperado por vezes 25 e 30 minutos e ante-ontem, após 38 minutos de espera, resolvi formular a minha reclamação, o que fiz, procurando o chefe da estação que, a sorrir, com ar de troça, me empurrou para o delegado do governo.

Depois do meu protesto contra o que acima expuz, dizendo-lhe saber que a protecção dispensada aos comboios de Sintra com prejuizo dos de Vila Franca se baseava em serem os passageiros daqueles burgueses e «forças vivas» e os destes quasi absolutamente proletários, este senhor a rir também, empurrou-me para o chefe da estação, o qual com um ar de desprezo pelas minhas palavras me mandava escrever a minha reclamação num livro, o que não fiz por saber que a Direcção da C. P., não ligava importância alguma às reclamações feitas por passageiros da linha de Vila Franca pelo motivo que já expuz.

Talvez as preferências aos comboios de Sintra sejam justificadas pela Direcção da C. P., porque em tempos os passageiros daquela linha por motivo de atraso inutilizavam quasi por completo uma carruagem, o que ainda não succedeu na linha de Vila Franca, a pesar de ser frequentada pela escumalha, a quem esses «honrados» cidadãos desprezam.

Agradeço, sou vosso, etc., Carlos Cruz.—Chapeleiro sindicado e passageiro diario da linha de Vila Franca.

Cédula marítima achada

Na rua do Mercado foi achada uma cédula de inscrição marítima, passada em nome de Manuel António Ferreira, marceiro, contendo várias fotografias, que será entregue, na redacção deste jornal, quando reclamada.

CARTA DE COIMBRA

Uma excursão de propaganda anti-religiosa Uma gracinha jesuitica

COIMBRA, 28.—Chegou a esta cidade, no passado domingo, 26, uma excursão do Porto, promovida pelo Centro Socialista do Bomfim.

A excursão, que era composta por algumas centenas de pessoas, foi recebida na estação do caminho de ferro por membros do «Núcleo Acção Socialista», acompanhados pelo Grupo Musical Conimbricense, indo junto do monumento de Joaquim António de Aguiar depor uma lápide oferecida pelos excursionistas, como homenagem àquela grande liberal e ao povo de Coimbra.

Na cerimónia da posição da lápide falaram os srs. António Fernandes e Guilherme Gonçalves Baptista, do Centro Socialista do Bomfim, que convidaram para descer a lápide o coronel sr. Brito de Almeida, membro da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, colectividade a quem está entregue o monumento. Este sr. pronunciou um pequeno discurso de agradecimento por aquela homenagem.

Falou também o professor sr. Tomás da Fonseca, que fez uma interessante oração de propaganda anti-religiosa.

Começa por elogiar a iniciativa da comissão organizadora da excursão, pela homenagem prestada a Joaquim António de Aguiar, que teve o grande gesto de extinguir as congregações religiosas, em 1837, numa época em que era uma temeridade ser-se anti-católico. Contudo, a pesar do enorme avanço havido desde esse tempo até à nossa época, considera a hora actual de perigo para as liberdades conquistadas, pois a reacção nunca se mostrou tão audaciosa como agora.

Desde as escolas superiores até à mais ínfima escola primária, o jesuitismo pretende reacquirir a supremacia no ensino, para orientar a seu belo prazer as consciências da mocidade.

Roma—diz—tem a sua lâmpada permanentemente acesa na Universidade de Coimbra!

As congregações, banidas por Aguiar e mais tarde pela República, revivem disfarçadamente, tomando as suas posições ocultas numa falsa caridade, para melhor ludibriar do povo ingenuo.

E' de opinião de que manifestações como esta, se devam repetir com frequência, para assim se ir afastando do povo e a infância das dissolutas doutrinas das roupetas negras.

Termina com um viva à liberdade, que foi entusiasticamente correspondido. Durante a cerimónia a música executava patrioticamente o patriótico hino da Maria da Fonte...

Os excursionistas seguiram depois para a Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Coimbra, onde se realizou uma pequena sessão de boas vindas.

Estava anunciada para a tarde uma sessão de propaganda socialista, na qual deveriam falar o dr. sr. Amâncio de Alpoim, e os srs. Alfredo Franco e Nunes da Silva, de Lisboa. Não se realizou, porém, por falta de assistência, pois os próprios excursionistas brilharam pela sua ausência...

A retirada efectuou-se pelas 21 horas, tendo os excursionistas uma afectuosa despedida.

Apraz-nos registar o não ter havido qualquer nota discordante, o que só abona a tolerância e franca lealdade do operariado conimbricense.

Já depois desta notícia feita, somos informados de que desapareceu a lápide que os excursionistas deposeram junto ao monumento.

Contra este inqualificável acto, parte êle de onde partir—mas que de certeza é garotice do reaccionismo indigena—lavramos o nosso indignado protesto.—E.

Rendimentos dos operários

Na sala de observações do banco do hospital de São José, deram entrada:

Joaquim Marques da Silva, de 29 anos, natural de Estarreja, residente na rua Andrade, 20, manufactor de calçado, e que na fábrica «Elite», na rua da Penha de França, foi colhido pela engrenagem de uma máquina ficando com a mão esquerda esmagada, e Carlos de Oliveira, de 12 anos, filho de Joaquim de Oliveira e de Tereza de Oliveira, natural e residente em Unhos (Loures) e que na fábrica de chitas em Sacavém, foi colhido pela engrenagem de uma máquina ficando com a mão direita esmagada.

Na enfermaria de Santo António, do hospital de São José deu entrada Augusto Luis, de 56 anos, natural e residente em Michigança, Alenquer, carroceiro, e que foi colhido por uma galera, ficando com a perna esquerda fracturada.

Na enfermaria de Santo Onofre do hospital de São José deu entrada António Cristóvão, de 37 anos, jornalista, natural e residente no Seixal e que, no Barreiro, foi colhido por um ferro ficando muito ferido nas pernas e com uma delas fracturada.

A largamento da época de exames

O ministro da Instrução mandou officiar aos reitores das três Universidades da República, lembrando a conveniência de, excepcionalmente, este ano, sem prejuizo do regular funcionamento das aulas, ser alargada a época normal dos exames de Outubro até aos primeiros dias de Dezembro, alargamento que não só aproveitará aos alunos que foram ao Brasil, mas a todos aqueles que desejarem pelos meios legais em vigor, demorar os seus exames para além do mês de Outubro.

Vão ser reorganizados os serviços de Instrução no Estado da India.

A batota infantil

Tendo constado na Inspeção Geral dos Serviços Jurisdiccionais e Tutelares de Menores, do ministério da Justiça, que estão funcionando jogos de azar para crianças nalguns casinos das praias vizinhas de Lisboa, foi já providenciado no sentido de que se reprimissem sem demora tão criminoso abuso.

CARTA DE ESPANHA

Um cura conspirador

MADRID, 24.—A ditadura continua seguindo o seu caminho impondo aos tribunaes, chamados de Justiça, a condenação de quantos indivíduos, saindo das normas habituais, levaram o seu pensamento mais além das convenções daqueles que impõem um regime de opressão.